



RELICI

A GAGUEIRA SOB O OLHAR DE HOLLYWOOD: REPRESENTAÇÕES DO SUJEITO GAGO NO CINEMA¹

THE STUTTERING IN HOLLYWOOD'S EYE: REPRESENTATIONS OF THE STUTTERER IN MOVIES

Kézia Santos de Oliveira²

RESUMO

O cinema enquanto expressão cultural possui grande alcance de público, o que pode modificar ou reforçar o imaginário coletivo em relação à determinada parcela da sociedade. Apesar dos avanços na literatura científica, ainda existe certo estigma social associado à gagueira. Ao utilizar o cinema como material de análise, permite-se discutir e tentar compreender como parte da sociedade entende e expõe o discurso do sujeito-gago. O objetivo foi analisar a representação da gagueira em três obras cinematográficas. Este estudo tem delineamento transversal, observacional, de natureza qualitativa-descritiva. Foram selecionados três filmes lançados em décadas distintas: “O Homem que Matou o Facínora” (1962), “Um Estranho no Ninho” (1975) e “O Discurso do Rei” (2010). Os filmes foram analisados a partir de pressupostos tanto da Análise do Discurso de linha francesa, por Pechêux, como de elementos da Análise Fílmica (VANOYE; GOLLOT-LÉTÉ, 2012). Observou-se que muitas das crenças difundidas pelo senso comum sobre a gagueira estão presentes no cinema, de modo implícito ou não. Não há, entre os filmes analisados, uma representação uniforme da gagueira, sendo que apenas o filme “O Discurso do Rei” apresentou um retrato mais próximo à realidade do sujeito-gago. É importante que o sujeito-gago possa identificar no material fílmico a complexidade inerente a qualquer indivíduo. Faz-se necessária a realização de mais estudos sobre este assunto, os quais poderão fornecer subsídios para a elaboração de projetos voltados à conscientização da população acerca da gagueira.

Palavras-chave: cinema, linguagem, gagueira.

¹ Recebido em 10/12/2020. Aprovado em 13/12/2020.

² Universidade Federal da Bahia. kezasantossilveira@gmail.com



RELICI

ABSTRACT

Movies as a cultural expression have a wide audience reach, which can modify or keeping the collective imagination in relation to a certain portion of society. Despite advances in the scientific literature, there is a social stigma associated with stuttering. When using movies as material for analysis, we can discuss and try to understand how the society exposes the stutterer's speech. The purpose was to analyze the representation of stuttering in three movies. This study is cross-sectional, observational design, qualitative and descriptive. Three movies released in different decades were selected: "The Man Who Shot Liberty Valance" (1962), "One Flew Over the Cuckoo's Nest" (1975) and "The King's Speech" (2010). The movies were analyzed by French Discourse's Analysis (Pêcheux), and by Film's Analysis (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012). It was observed that many of the beliefs spread by common sense about stuttering have been present in the movies, implicit or not. There are not, in these three movies, a only representation of stuttering. Only the movie "The King's Speech" has a portrayal closer to the reality of the stutterer. It is important that the stutterer can identify in the movies the complexity presents in any person. It is necessary more studies about this subject, which would help to create tools for projects of awareness about stuttering.

Keywords: movies, language, stuttering.

INTRODUÇÃO

Falar sobre gagueira, e, portanto, de linguagem sem esquecer sua complexidade é também levar em consideração o meio e o recorte sócio-histórico aos quais um determinado indivíduo pertence. Para Azevedo (2014), se o sujeito está inserido em um meio dito social, os momentos associados à gagueira também se associam a esses elementos.

Azevedo, Lucena e Caiado (2014) afirmam que o "sujeito-gago está inserido numa sociedade pautada por valores ideológicos". As artes, mesmo não-intencionalmente, são capazes de retratar a época e as posições ideológicas nas quais foram concebidas. Um exemplo disso são as produções cinematográficas. Oliveira (2006) sugere que a experiência proporcionada pelo cinema pode indicar como parte da sociedade vislumbra temáticas associadas à ciência, embora esse



RELICI

158

mesmo autor pondere que há dificuldade em dimensionar o real impacto dos filmes como formadores do imaginário social. Já Vanoye e Goliot-Lété (2012) consideram que um filme não pode ser dissociado de outros âmbitos da sociedade que o produziu.

O cinema comercial influencia e é influenciado por essa mesma sociedade. Ao pensarmos sobre como o sujeito gago é encarado por essa mídia, estamos refletindo também como parte de um grupo social posiciona-se enquanto interlocutor desse sujeito. Jaeckle (2013) considera que um filme ao romper as “convenções” dialógicas cinematográficas (citando a disfluência como exemplo), tal evento se traduz em um significado. Para Zimmerman (1997), a representação imprecisa do gago na mídia pode limitar as oportunidades sociais para esses indivíduos. Nessa perspectiva, Johnson (2008) ressalta que é frequente o uso da gagueira como forma narrativa de reforço à estereótipos.

Ao longo da história, as concepções sobre linguagem sofreram mudanças, embora as mais diversas linhas teóricas ainda coexistam. Segundo Pires e Friedman (2012), há duas vertentes predominantes nos estudos sobre a gagueira: a positivista (que privilegia o aspecto orgânico – sintoma no corpo) e a dialético-histórica (sintoma na subjetividade). Damasceno e Friedman (2011) relatam que no Brasil (entre 1980 a 2008) há um número maior de estudos na vertente positivista o que seria um indicativo de que a maioria dos pesquisadores brasileiros explicam a gagueira sob a ótica organicista.

O modo como compreendemos a linguagem, modifica nosso olhar em torno das falas ditas sintomáticas, entendendo sintoma não como um erro, mas enquanto uma das únicas formas que um sujeito possui para se manter no discurso e configurar a sua linguagem e subjetividade. Para Amoroso (2000), o sintoma em linguagem configura-se como “uma função simbólica constituída”, sendo uma instância maior que o âmbito orgânico, da consciência e o linguístico.



RELICI

159

A gagueira, enquanto acontecimento em linguagem, faz parte desse processo. Ao utilizar uma forma de expressão cultural, o cinema, como material de análise, permite-se discutir e tentar compreender como parte da sociedade, naquele momento histórico da elaboração de um filme, entende e expõe o discurso do sujeito-gago. E como o cinema, de tão forte abrangência, além de ser afetado pela sociedade, pode influenciar debates em torno da mesma e dos indivíduos que a compõem.

Essa pesquisa tem como objetivo, portanto, analisar a representação da gagueira em três obras cinematográficas.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este estudo tem delineamento transversal, observacional, de natureza qualitativa-descritiva. Após busca em base de dados especializada em cinema, utilizando a palavra-chave “*stuttering*” (gagueira em inglês), foram selecionados três filmes com personagens gagos, lançados em décadas distintas, no formato longa-metragem, do circuito comercial de Hollywood. Adotou-se como critérios de exclusão: não ser filme em formato de animação, não ser obra voltada ao público infanto-juvenil, não ser documentário ou comédia. Foram selecionados os seguintes filmes: “O Homem que Matou o Facínora” (1962), “Um Estranho no Ninho” (1975) e “O Discurso do Rei” (2010).

Inicialmente os filmes foram assistidos apenas para compreensão do conteúdo e narrativa (com áudio original e legendas). As falas relacionadas às cenas em que a gagueira “emerge” ou cenas em que o personagem gago aparece foram anotadas, com breve descrição, para servir de apoio à posterior análise. Imediatamente após assistir a cada filme, foram efetuados registros escritos contendo apenas impressões sobre os filmes e respectivos personagens. Depois de uma semana, os filmes foram assistidos novamente, sendo realizados novos



RELICI

160

registros escritos, para que houvesse um distanciamento do sujeito-espectador para o sujeito-pesquisador. Vanoye e Goliot-Lété (2012) defendem que a análise fílmica não deve excluir as impressões do primeiro contato com o filme, porém essas mesmas impressões são insuficientes para uma análise fidedigna. Os registros escritos sobre os filmes, além dos diálogos, contemplaram outras informações das cenas com o personagem gago, como por exemplo: enquadramento da câmera, disposição espacial dos personagens no cenário, expressões faciais, iluminação, objetos em cena, recursos sonoros, relação da cena em que a gagueira aparece com as sequências imediatamente anteriores e posteriores, relação do personagem gago com outros personagens do filme.

Após essa fase, teve início a análise dos dados, quando os filmes puderam ser vistos novamente (utilizando o recurso de pausar as cenas quando necessário) e confrontados com a literatura em questão.

Os filmes foram analisados a partir de pressupostos tanto da Análise do Discurso de linha francesa, por Pechêux, entendendo o discurso como “efeitos de sentidos entre locutores” (ORLANDI, 2005), como de elementos da Análise Fílmica (VANOYE; GOLIOT-LÉTÉ, 2012). Segundo Orlandi (2009), a análise do discurso considera o texto como uma unidade de análise, um elemento simbólico capaz de produzir significados e, portanto, passível de interpretação. Por sua vez, Vanoye e Goliot-Lété (2012) afirmam que a análise fílmica, ao desconstruir o texto fílmico, obtém elementos distintos que distanciam o investigador da obra em questão.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao analisar os filmes selecionados, observou-se que muitas das crenças difundidas pelo senso comum sobre a gagueira estão presentes no cinema, de modo implícito ou não.



RELICI

161

No faroeste “O Homem que Matou o Facínora” (1962) há um personagem secundário gago (Kaintuck) cuja única função é representar momentos de alívio cômico da trama. A gagueira não é retratada apenas como mais um elemento de um personagem humorístico complexo: o próprio ato de disfluir nessa narrativa é utilizado como fator cômico central. Gil (1995) afirma que os fatores linguísticos por si só não explicam a comicidade, deve-se considerar o contexto de produção de determinado enunciado (e os aspectos extralinguísticos). Um exemplo ilustrativo disso ocorre por volta dos quarenta minutos de filme:

(A protagonista feminina da película verifica pedidos de comida em uma mesa com alguns personagens secundários)

- E você, Kaintuck?

- Queria um b-b...

- Bife?

- Sim, senhora

- Bem-passado

- E uma t-t-t...

- Torta de maçã

- É

- É para já!

(O Homem que Matou o Facínora, 1962, 40 min)

O que chama atenção nessa cena é a escolha do enquadramento da câmera, que durante todo o diálogo não focaliza o rosto de Kaintuck, o que apenas reforça a atenção do espectador à fala (e à disfluência) desse personagem. Poucos minutos depois, no mesmo espaço cênico, o vilão da trama aparece junto à mesa onde Kaintuck está com amigos e derruba-o da cadeira. Dessa vez, não há foco na fala, porém é sintomático a escolha justamente do personagem gago a servir de alívio cômico em uma cena com outros personagens, o que reforçaria o estereótipo de fragilidade. Segundo Johnson (2008), a gagueira é frequentemente utilizada, de modo caricatural, como recurso para transmitir humor, nervosismo ou fraqueza.

O efeito simbólico de um filme advém das opções narrativas (o que é escolhido como importante para a trama e o que é negado, o dito e o não-dito) como



RELICI

162

o perfil unidimensional atribuído à Kaintuck. Azevedo (2000b) refere que ao interditar um dizer, é negada ao sujeito a ocupação de diferentes posições discursivas. Já Johnson (2008) considera que ao reduzir os personagens apenas à sua gagueira, a mídia perpetua as visões equivocadas sobre o sujeito-gago.

Já o filme “Um Estranho no Ninho” (1975) possui um personagem gago (Billy Bibbit) cuja disfluência não é exatamente o foco, apenas faz parte do personagem que tem questões emocionais enraizadas. No filme há, aparentemente, uma forte relação entre psiquismo e o sintoma na linguagem.

Existe de fato relatos na literatura científica de uma gagueira com origem psicogênica. Souza e Cardoso (2013) afirmam que esta variante é um transtorno de conversão. Porém Kuster (2011) critica o fato da narrativa conduzir o espectador a compreender a gagueira como oriunda unicamente de um problema psicológico. Tal percepção não é responsabilidade exclusiva desse filme, cuja ação, ressalta-se, transcorre em uma instituição psiquiátrica.

Uma cena em particular ilustra essa questão. Por volta de 01h55min de filme, Billy faz sexo pela primeira vez no sanatório onde está internado e é confrontado pela enfermeira chefe:

- Posso explicar tudo.
- Por favor, Billy, explique tudo.
- Tudo? (Sorri para os outros internos do sanatório)
- Não está envergonhado?
- Não, não estou. (Sem disfluir)
- (Os internos aplaudem)
- O que me preocupa é como sua mãe irá reagir.
- (O sorriso de Billy desaparece e o mesmo fica cabisbaixo, mudando expressão facial)
- B-b-bem, você n-n-n-não p-p-precisa c-c-contar a ela (disfluência aumenta consideravelmente e se mantém assim nas outras falas de Billy)
- Não preciso? Sua mãe e eu somos amigas, você sabe.
- P-p-p-p-por f- -f-favor, n-n-n-não c-c-conte à minha m-m-m-mãe.
- (Um Estranho no Ninho, 1975, 115min).

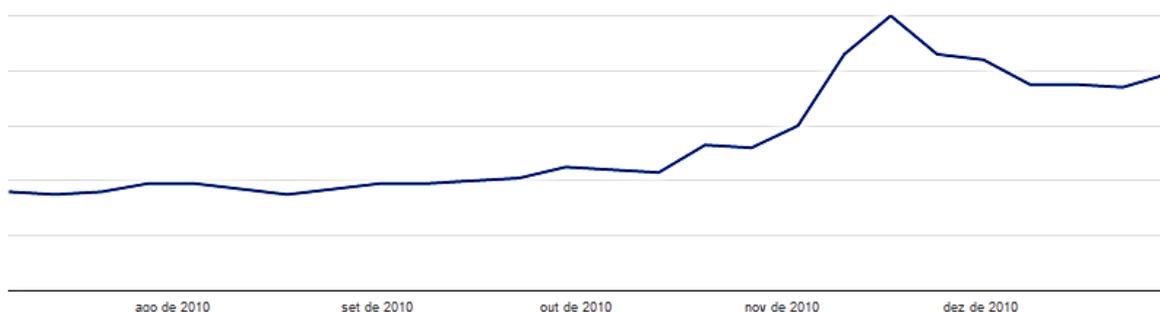


RELICI

163

Nota-se que a disfluência de Billy “desaparece” momentaneamente após sua experiência sexual, mas retorna em grande intensidade à menção da figura materna. Para Oliveira e Friedman (2006), um sintoma na linguagem não se origina apenas em fatores isolados e sim na relação imbricada entre os aspectos sociais, orgânicos e psicológicos. Essas mesmas autoras defendem que diagnóstico da gagueira deve considerar as condições de produção do discurso de cada sujeito.

O último filme analisado foi “O Discurso do Rei” (2010), o qual representa um marco do retrato da gagueira no cinema, ao trazer a história real do rei britânico George VI. O filme recebeu grande destaque na imprensa internacional, aumentando a curiosidade popular sobre a gagueira. Uma demonstração disso é que o número de pesquisas realizadas na internet com o termo “*stuttering*” (gagueira), teve um aumento considerável em âmbito mundial, conforme dados disponíveis na ferramenta online Google Trends: de acordo com o gráfico a seguir (Figura 1), há um pico de popularidade para esse termo em novembro de 2010, período que coincide com a estreia do filme em circuito comercial nos Estados Unidos.



(Figura 1 – Gráfico de popularidade online do termo “*stuttering*”, disponibilizado por <<https://www.google.com/trends/>>)

Kuster (2011), ao comentar sobre o impacto do filme “O Discurso do Rei”, relata, além da ampla cobertura da mídia, que a associação britânica para gagueira



RELICI

164

(“*British Stammering Association*” - BSA) forneceu aos seus membros dicas de como utilizar o filme para a educação da população sobre a temática.

A escolha da composição cênica, para além dos diálogos, possui nesse filme intensa relação simbólica com a perspectiva adotada para a gagueira. A cena de abertura do filme com alguns closes no rosto do protagonista já exprime o quanto situações envolvendo a fala podem ser difíceis para o sujeito gago lidar. Nessa cena inicial o protagonista terá de discursar para o povo. A caminhada até o microfone é emblemática. A construção cênica coloca o microfone em uma posição acima do personagem, com a câmera se aproximando e enquadrando esse objeto no centro da cena, o obstáculo “inalcançável” que precisa ser enfrentado. O silêncio que se segue à chegada dele ao microfone (quebrada apenas pela música instrumental), antes de sua fala, tem grande força discursiva e ilustra o sofrimento que muitas vezes o indivíduo com gagueira enfrenta. A câmera mostra sutilmente algumas pessoas da plateia desviando o olhar, como se a disfluência naquele contexto histórico fosse um tabu, principalmente sendo alguém da família real. Para Ribeiro e Carvalho (2013), nessa cena o silêncio rompe a ligação realza-povo, o que demonstraria que a linguagem é um elemento a ser considerado nas relações entre as classes.

A sequência descrita anteriormente ilustra a possibilidade de uma visão estigmatizada do sujeito gago para seu próprio discurso. Friedman (2001) ao falar sobre a gagueira-sofrimento relata a possibilidade do sujeito atribuir sentidos negativos às vivências com produção de fala.

O roteiro também traz as perspectivas de terapia para fluência em evidência na época (precedente à Segunda Guerra Mundial), a maioria voltadas para uma tentativa de “controle” da fala. Há desde a crença (hoje refutada) de benefícios do cigarro até uma técnica baseada na Grécia Antiga: acredita-se que Demóstenes realizava exercícios articulatórios com seixos na boca, o filme ilustra uma adaptação



RELICI

165

dessa prática com bolinhas de gude, com evidente insucesso, já que conforme afirma Martins (2002): “falar não é apenas articular sons, mas colocar-se no mundo, sair de si e ir ao encontro do outro”.

Até esse momento do filme, nenhum especialista trouxe para terapia os elementos da relação do sujeito gago com seu próprio discurso nem seus efeitos linguísticos. Por isso, um dos pontos de virada narrativa do filme é o aparecimento do personagem Lionel Logue, terapeuta que possuía ideias nada convencionais para a época, envolvendo a delimitação do *setting* terapêutico desde o primeiro contato com o paciente (Logue prefere que as consultas sejam feitas no seu espaço clínico para seu método ter eficácia, não chama o protagonista pelo seu título da realeza, o que “dissolveria” relações de poder que poderiam atrapalhar seu método clínico, dentre outros elementos). Segundo Moreira e Esteves (2012), o *setting* terapêutico configura-se como regras pré-estabelecidas entre paciente-terapeuta desde o contato inicial, permeando todo o processo terapêutico.

Também chama a atenção que a entrevista de Logue (que não se esgota no seu primeiro contato com o paciente), não é focada em aspectos ligados ao corpo e sim na subjetividade envolvida. Rego (2000) sustenta que a entrevista inicial tem poder de fazer o paciente confrontar-se com sua realidade como forma de alcançar uma melhor qualidade de vida.

A proposta terapêutica proposta por Lionel Logue também envolve técnicas de relaxamento, trabalho com respiração e com expressividade oral, além do enfrentamento de situações discursivas, mas essas estratégias são apenas a superfície do seu processo terapêutico. Fica nítido ao longo do filme que as posições assumidas pelo personagem nas situações discursivas e sua autoimagem enquanto falante são também elementos-chave tanto para a compreensão da gagueira como para o sucesso da terapia. Azevedo (2006) defende que a terapia deve valorizar a



RELICI

166

escuta terapêutica, considerando a singularidade de cada sujeito para promover mudanças na relação desse sujeito com o sintoma e o discurso.

A relação familiar do protagonista (especialmente com seu pai) recebe destaque na trama, mas o filme não deixa claro se essa questão emocional é considerada pelo roteiro como geradora ou apenas reforçadora dos episódios de disfluência. Um exemplo dessa relação, além das cenas de confronto pai-filho e de relatos da infância, ocorre aos 38 minutos de filme, aproximadamente, quando a câmera focaliza o personagem em um exercício fonoaudiológico falando sucessivamente “father” (“pai” em inglês), sendo óbvio que a escolha dessa palavra não foi aleatória. Freire e Passos (2012) defendem que na infância, o indivíduo assume a posição discursiva de sujeito gago quando o Outro interpreta a fala (com repetições, pausas e hesitações) como gaga, marcando as diferenças e dando-lhe a conotação de patológica.

Apesar de mostrar o sofrimento que George VI enfrentava diante da gagueira, em nenhum momento o filme recaiu no estereótipo de fragilidade. O roteiro também mostra o perfil firme do personagem e as cenas de tensão emocional estavam atreladas à trama. O fato de ser uma história baseada em fatos reais facilita esse processo, mas é preciso ressaltar que a autenticidade no filme não advém apenas da realidade original e sim das escolhas narrativas as quais fazem com que esse filme assuma uma postura simbólica que o diferencia de outras obras cinematográficas com grande alcance comercial e com personagens gagos.

A última sequência de “O Discurso do Rei” é conectada ao início do filme, pois também traz um discurso que precisa ser feito ao povo, mas dessa vez com o protagonista na função de rei em tempos de guerra. Na sequência há um longo corredor entre George VI e o microfone, emulando a sensação da primeira cena de um obstáculo a ser superado, mas dessa vez não há o isolamento inicial, a câmera mostra o terapeuta por trás do microfone, no campo de visão do rei. Em certos



RELICI

167

momentos, enquanto o áudio do discurso desenrolava-se, eram mostradas pessoas ouvindo o discurso pelo rádio, olhares solenes, combinando com o tom do discurso: se para Azevedo (2000a) na gagueira “a forma aprisiona o discurso”, nessa sequência a forma e o conteúdo discursivo se entrelaçam, sem que a primeira sobrepujasse o segundo.

Após o discurso bem-sucedido, Logue dirige-se à George VI:
- Muito bom, Bertie.
O rei suspira. Logue prossegue:
- Você ainda gaguejou no “w”.
- Tive que gaguejar algumas vezes, assim saberiam que era eu.
(O Discurso do Rei, 2010. 100min)

Em comparação aos outros filmes analisados por esta pesquisa, “O Discurso do Rei” é a obra com o retrato da gagueira mais condizente com a realidade, sem recair em estereótipos (é claro que o fato da temática central da produção relacionar-se diretamente a gagueira pode ter contribuído para um cuidado maior na representação quando comparado às outras obras). Jones, Mitchell e Mayo (2008) concluíram que uma representação estereotipada da gagueira pode afetar negativamente a percepção pública sobre o tema. Esses mesmos autores acreditam ser benéfico incluir os filmes com retrato preciso e/ou positivo da gagueira no processo terapêutico.

Já Kuster (2011) acredita que “O Discurso do Rei” demonstrou que não há “soluções” rápidas, além de destacar a importância da relação paciente/terapeuta (para além do mero uso de técnicas), conforme simbolizado por uma das cenas clímax do filme:

O rei discute com Logue, após vê-lo sentado no trono da coroação:
- Essa é a “Stone of Scone”, você b-b-banaliza tudo!
- Você acredita nisso. (A fala de Lionel sobrepõe-se à do rei). Não me importa quantos traseiros reais sentaram-se aqui.
- Escute-me! Escute-me!
- Escutá-lo? Com que direito?
- Por direito divino, saiba! Eu sou seu Rei!



RELICI

168

- Não é, não! Você mesmo disse que não queria. Por que perderia meu tempo ouvindo-o?
 - Tenho o direito de ser ouvido!
 - Ouvir o quê?
 - Eu tenho uma voz!
- Os dois ficam em silêncio por um breve momento, Lionel então fala:
- Sim, você tem.

Reencontrar essa “voz”, conforme citado acima, é reconhecer em si o potencial e domínio discursivo. É sair da prisão que o sintoma (e o olhar do Outro sobre o mesmo) impõe ao sujeito. A terapia fonoaudiológica contribui para esse processo, sendo capaz de promover mudanças linguísticas e discursivas, porém é necessário ampliar o debate sobre o viés midiático em torno da gagueira, o que pode desmitificar noções populares errôneas sobre este fenômeno.

CONCLUSÕES

Não há, entre os filmes analisados, uma representação uniforme da gagueira. Apenas o filme mais recente apresentou um retrato mais próximo à realidade do sujeito-gago. Apesar de não ter sido o foco deste estudo analisar se a repercussão desse último filme modificou a longo prazo a forma como o cinema leva a gagueira ao grande público, destaca-se o filme como um marco simbólico na mudança da tendência caricatural presente em *Hollywood* para os sintomas em linguagem.

Os questionamentos ao retrato cinematográfico da gagueira não devem impor normas rígidas à criação artística, pois há o risco de fixar padrões e gerar novos estereótipos. Entretanto, é importante que tais questionamentos sejam feitos para que o sujeito-gago possa identificar no material fílmico a complexidade inerente a qualquer indivíduo. Além disso, é indubitável o poder que o cinema ainda possui de impulsionar debates e pesquisas sobre os temas aos quais se propõe.



RELICI

169

Ressalta-se que essa pesquisa ao analisar a representação da gagueira em três filmes não teve a pretensão de traçar um perfil histórico do tema nessa expressão artística, pois além da limitação numérica da amostra, existem filmes restritos aos circuitos alternativos que também demonstrariam a visão sobre o tema, apesar de não terem o mesmo alcance de público.

Faz-se necessária a realização de mais estudos sobre este assunto a fim de compreender como o cinema e a sociedade elaboram os processos discursivos que compõe a gagueira, fornecendo subsídios tanto para reflexão sobre a criação artística como para a elaboração de projetos voltados à conscientização da população acerca da gagueira.

REFERÊNCIAS

AMOROSO, M. R.M; FREIRE, R.M. **Os sentidos do sintoma de linguagem na clínica fonoaudiológica**: A clínica fonoaudiológica em questão. 2000. 106 f. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2000. Disponível em: <http://www4.pucsp.br/linguagemesubjetividade/PDF/26_01_2011_marcia_regina_moscato_amoroso.pdf> Acesso em: 10 dez. 2020.

AZEVEDO, N.P.S.G. **A gagueira na perspectiva linguístico-discursiva**: um olhar sobre a terapia. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa. 2006. Disponível em: < http://www.cchla.ufpb.br/ppgl/wp-content/uploads/2012/11/images_NadiaAzevedo.pdf> Acesso em: 10 dez. 2020.

_____. Gagueira: a estrutura da língua desestruturando o discurso. **Revista Symposium**, ano 4, nov. 2000. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3169/3169.PDF>> Acesso em: 10 dez 2020.

AZEVEDO, N.P.S.G.; LUCENA, J; CAIADO, R. **O percurso terapêutico de uma criança com gagueira sob o enfoque linguístico-discursivo**. In: BARROS, Isabela do Rêgo et al (orgs). (Org.). Aquisição, desvios e práticas de linguagem. 1ed.Curitiba: Editora CRV, 2014, v. 1, p. 121-134.



RELICI

170

AZEVEDO, N.P.S.G. **Uma análise discursiva da gagueira:** trajetórias de silenciamento e alienação na língua. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2000. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/12093>> Acesso em: 10 dez. 2020.

DAMASCENO, W.A.P.L; FRIEDMAN, S. Análise da produção científica fonoaudiológica nacional sobre gagueira. **Revista CEFAC**, v. 13, n. 1, p. 41-47, 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rcefac/2010nahead/175-09.pdf>> Acesso em: 10 dez 2020.

FREIRE, R.M; PASSOS, M.C.P. Gagueira: uma questão discursiva. **Trab. Ling. Aplic.**, Campinas, n. 51, p. 153-173, jan./jun 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tla/v51n1/v51n1a08>>. Acesso em: 10 dez 2020.

FRIEDMAN, S. O Caso de Amadeu. In: FRIEDMAN, S; CUNHA MC, (Org). **Gagueira e subjetividade:** possibilidades de tratamento. Porto Alegre: Artmed; 2001. 77-93p, 133-143p.

GIL, C.M.C. Humor: alguns mecanismos linguísticos. **Alfa**, v. 39, p. 111-119,1995. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/viewFile/3973/3648>> Acesso em: 10 dez 2020.

INTERNET Movie Database (IMDB). Disponível em: <<http://www.imdb.com/>> Acesso em: 10 dez 2020.

JAECKLE, J. **Film Dialogue**. Columbia University Press, 2013. p. 106-107; 214-216.

JOHNSON, J.K. The visualization of the twisted tongue: Portrayals of stuttering in film, television, and comic books. **The Journal of Popular Culture**, v. 41, n. 2, p. 245-261, 2008. Disponível em: <http://www.csun.edu/~ainslab/readings/PastLabMembers/Keren/Johnson_visualization%20of%20the%20twisted%20tongue_portrayals%20of%20stuttering%20in%20film%20television%20and%20comic%20books.pdf> Acesso em: 10 dez 2020.

JONES, A; MITCHELL, C; MAYO, R. **Stuttering on the big screen: Portrayals of persons who stutter**. In: AMERICAN SPEECH-LANGUAGE AND HEARING ASSOCIATION ANNUAL CONVENTION, 2008, Chicago, Illinois. Disponível em: <http://www.asha.org/Events/convention/handouts/2008/1579_Mayo_Robert/> Acesso em: 12 dez 2015.



RELICI

171

KUSTER, J.M. At long last, a positive portrayal of stuttering. **The ASHA Leader**, 2011. Disponível em: <<https://leader.pubs.asha.org/doi/10.1044/leader.FTR2.16022011.13>> Acesso em: 10 dez 2020.

MARTINS, E.M.V. **Gagueira e família**: concepções, atitudes e sentimentos manifestados no discurso das mães. Dissertação (Mestrado em Ciências). Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP. Ribeirão Preto, 2002. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-12052004-115405/pt-br.php>> Acesso em: 10 dez 2020.

MOREIRA, L.M; ESTEVES, C.S. Revisitando a teoria do *setting* terapêutico. **Psicologia.pt**, v. 1, p. 1-8, 2012. Disponível em: <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0628.pdf>> Acesso em: 10 dez 2020.

O DISCURSO do Rei. Direção: Tom Hooper. Produção: Iain Canning; Emile Sherman; Gareth Unwin. Buckinghamshire, Reino Unido: The Weinstein Company, 2010. 118 min. Legendado Port. Título Original: The King's Speech.

O HOMEM que Matou o Facínora. Direção: John Ford. Produção: John Ford; Willis Goldbeck. Los Angeles: Paramount Pictures, 1962. 124 min. Legendado Port. Título original: The Man Who Shot Liberty Valance.

OLIVEIRA, B.J. Cinema e imaginário científico. **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 13 (suplemento), p. 133-150, out. 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/08.pdf>>. Acesso em: 10 dez 2020.

OLIVEIRA, P. S; FRIEDMAN, S. A clínica da gagueira e o livro infantil: considerações a partir de um caso. **Distúrbios da Comunicação**, São Paulo, v. 18, n.2, p. 223-233, ago 2006. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/11804/8530>>. Acesso em: 10 dez 2020.

ORLANDI, E.P. **Análise de Discurso**: princípios & procedimentos. 8 ed. Campinas: Pontes, 2009. 100 p.

_____. Michel Pêcheux e a análise de discurso. **Estudos da Língua (gem)**, v. 1, p. 09-13, 2005. Disponível em: <<https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/973>> Acesso em: 10 dez 2020.



RELICI

172

PIRES, T. I; FRIEDMAN, S. O efeito do processo terapêutico para problemas de fluência de fala no discurso de pais. **Distúrb Comun**, São Paulo, v. 24, n.2, p. 173-183, set. 2012. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/view/11970/8668>> Acesso em: 10 dez 2020.

RIBEIRO, M.G.O.C; CARVALHO, L.A. **O campo de força entre habitus e mercado linguístico no filme “O discurso do rei”**. In: REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA, 4, 2013, Fortaleza. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://www.reaabanne2013.com.br/anaisadmin/uploads/trabalhos/4_trabalho_000622_1373053173.pdf> Acesso em: 13 mai 2015.

REGO, F.L.C. A entrevista inicial na clínica fonoaudiológica. **Symposium**, Recife, v. 4, n. especial, p. 45-49, ago. 2000. Disponível em: <<http://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/3189/3189.PDF>> Acesso em: 10 dez 2020.

SOUZA, R. L; CARDOSO, M.C.A.F. Fluência e Prosódia: Aspectos diferenciais frente aos distúrbios. **Revista Neurociências**, v. 21, 2013, n. 3, p. 468-473. Disponível em: <<http://www.revistaneurociencias.com.br/edicoes/2013/RN2103/revisao/766revisao.pdf>> Acesso em 10 dez 2020.

UM ESTRANHO no Ninho. Direção: Milos Forman. Produção: Michael Douglas Saul Zaentz. Depoe Bay, Oregon, EUA: United Artists, 1975. 133 min. Legendado Port. Título Original: One Flew Over the Cuckoo's Nest.

VANOYE, F; GOLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 7 ed. Campinas: Papyrus, 2012. 142 p.

ZIMMERMAN, I. Portrayal of stuttering in movies and on television. **Journal of Fluency Disorders**, v. 22, n. 2, p. 156, 1997. Disponível em: <<https://www.infona.pl/resource/bwmeta1.element.elsevier-0422f01b-1cff-3a61-af17-6873d0863bde>> Acesso em: 10 dez 2020.